

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

**GEOCORRENTE**

ISSN 2446-7014

**A remilitarização japonesa ou o realismo pragmático de Kishida?**

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 175 • 25 de janeiro de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Takanami-class destroyer JS Makinami](#)

Por: Marinha dos Estados Unidos da América

Fonte: Flickr

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ -  
Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)



**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)  
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

**AMÉRICA DO SUL**

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)  
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)  
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Jayanne Balbino Soares (UFF)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Gustavo da Hora (UFRJ)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)  
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)  
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
Dominique Marques de Souza (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

**TEMAS ESPECIAIS**

Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)  
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)



# SUMÁRIO

<p><b>AMÉRICA DO SUL</b></p> <p>Crise sem fim: as manifestações e a instabilidade do governo peruano ..... 5</p> <p><b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b></p> <p>O posicionamento canadense na região Indo-Pacífica ..... 6</p> <p><b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b></p> <p>A quem interessa a instabilidade na República Democrática do Congo? ..... 7</p> <p>O potencial do Golfo da Guiné à integração econômica africana ..... 8</p> <p><b>EUROPA</b></p> <p>Um olhar sobre a estratégia de guerra da Marinha Francesa ..... 9</p> <p><b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b></p> <p>A aliança entre Marrocos e Israel: um jogo de interesses ..... 10</p> <p><b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b></p> <p>Novas metas da Agenda Verde Europeia: o Azerbaijão e as energias renováveis ..... 11</p> <p>Mar Negro: a dimensão (quase) esquecida do conflito russo-ucraniano ..... 12</p>	<p><b>LESTE ASIÁTICO</b></p> <p>A remilitarização japonesa ou o realismo pragmático de Kishida? ..... 13</p> <p><b>SUL DA ÁSIA</b></p> <p>Geopolítica da água e segurança hídrica: a disputa sino-indiana ..... 14</p> <p><b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b></p> <p>O novo plano de exploração de gás <i>offshore</i> indonésio em meio às disputas territoriais ..... 15</p> <p><b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b></p> <p>Movimentações na América Latina em direção à Antártica no ano de 2022 ..... 16</p> <p>Artigos Selecionados &amp; Notícias de Defesa ..... 17</p> <p>Calendário Geocorrente ..... 17</p> <p>Referências ..... 18</p> <p>Mapa de Riscos ..... 19</p>
--	---

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19.

## Crise sem fim: as manifestações e a instabilidade do governo peruano

Victor Cabral

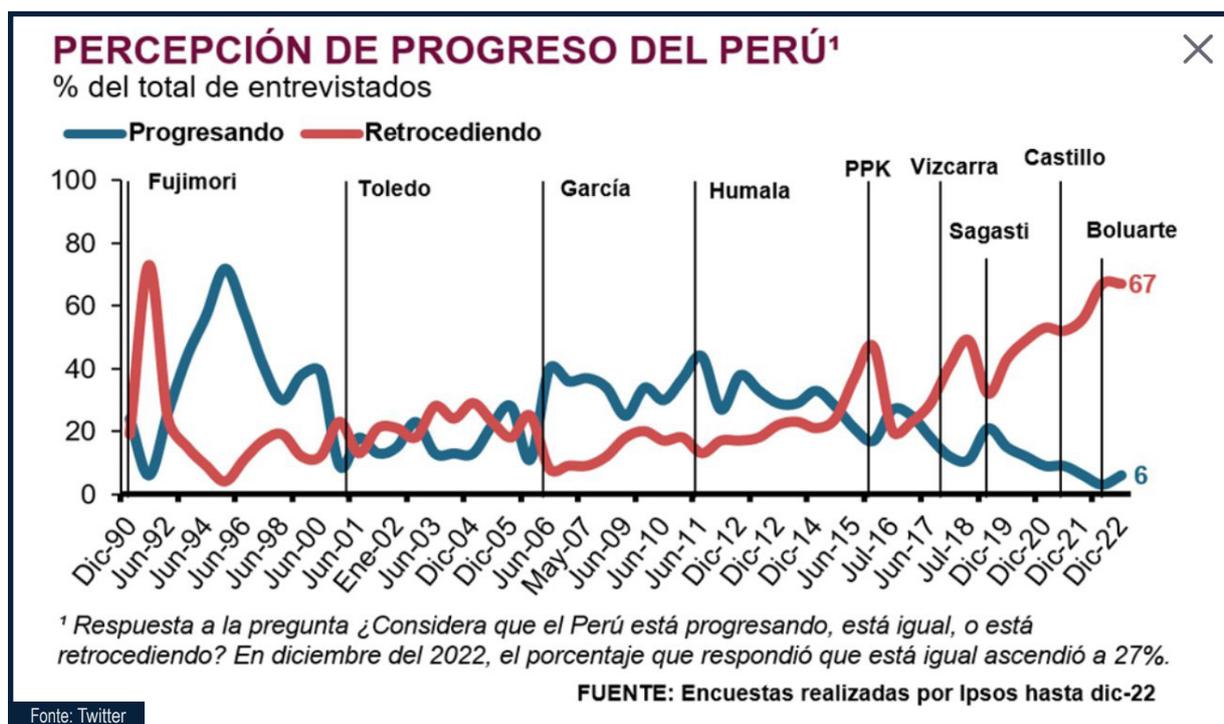
A instabilidade no Peru persiste, aprofundando-se após a fracassada tentativa de golpe de Estado pelo então Presidente Pedro Castillo, que sofreu impeachment e prisão, em 07 de dezembro de 2022. A Vice-Presidente e primeira mulher a presidir o país, Dina Boluarte, enfrenta, desde sua posse, manifestações que pedem sua renúncia, dissolução do Congresso e a realização de novas eleições. Desde então, mais de 50 já morreram nas manifestações, sendo válido observar qual tem sido a resposta governamental à crise e seus efeitos de instabilidade para a região.

Boluarte é a sexta pessoa a presidir o Peru em cinco anos, ascendendo com a queda de Castillo. O ex-Presidente era impopular nas ruas e no Congresso, mas sua prisão catalisou manifestações antissistema no país, devido à falta de representatividade política e institucional vigente. Reconhecendo sua fragilidade política, a Presidente solicitou ao Congresso a antecipação das eleições gerais para 2024 em vez de 2026, quando terminaria seu mandato. Os manifestantes exigem eleições ainda em 2023, assim como a renúncia imediata de Boluarte, que possui 79% de reprovação, segundo levantamento da IPSOS. A pesquisa também aponta que 69% da população deseja substituir a atual Constituição fujimorista (1993), 22% a mais que em maio de 2022. Observa-se que o regime de Alberto Fujimori,

finalizado em novembro de 2000, ainda influencia a instabilidade da política peruana.

Boluarte é acusada por eleitores de sua chapa com Castillo de traição, devido à aproximação com a direita no Congresso e a nomeação de ministros dessa orientação política na segurança pública. A violenta repressão nas ruas, com suspeitas de violação aos Direitos Humanos, chama atenção pelo número de mortes, majoritariamente de representantes rurais e andinos, do chamado “Peru Profundo”, base de apoio de Castillo, reduzindo as chances de diálogo com lideranças populares. Ao todo, sete regiões estão em estado de emergência, o que restringe alguns direitos civis e acirra os ânimos dos manifestantes, que obtêm crescente apoio da classe média.

Persistindo a instabilidade sociopolítica no Peru, há possibilidade de abertura de margens para a ascensão de lideranças autoritárias e transbordamento do conflito para além das fronteiras do Estado. Destaca-se a escalada no nível de violência dos protestos, sobretudo com a replicação de incêndios em postos aduaneiros na fronteira com a Bolívia, o que pode suscitar a atuação do Estado vizinho para a defesa de seus interesses. Nesse sentido, urge a necessidade de uma solução regional, evitando o envolvimento de Estados exógenos à América do Sul na resolução da questão.



## O posicionamento canadense na região Indo-Pacífica

Jéssica Barreto

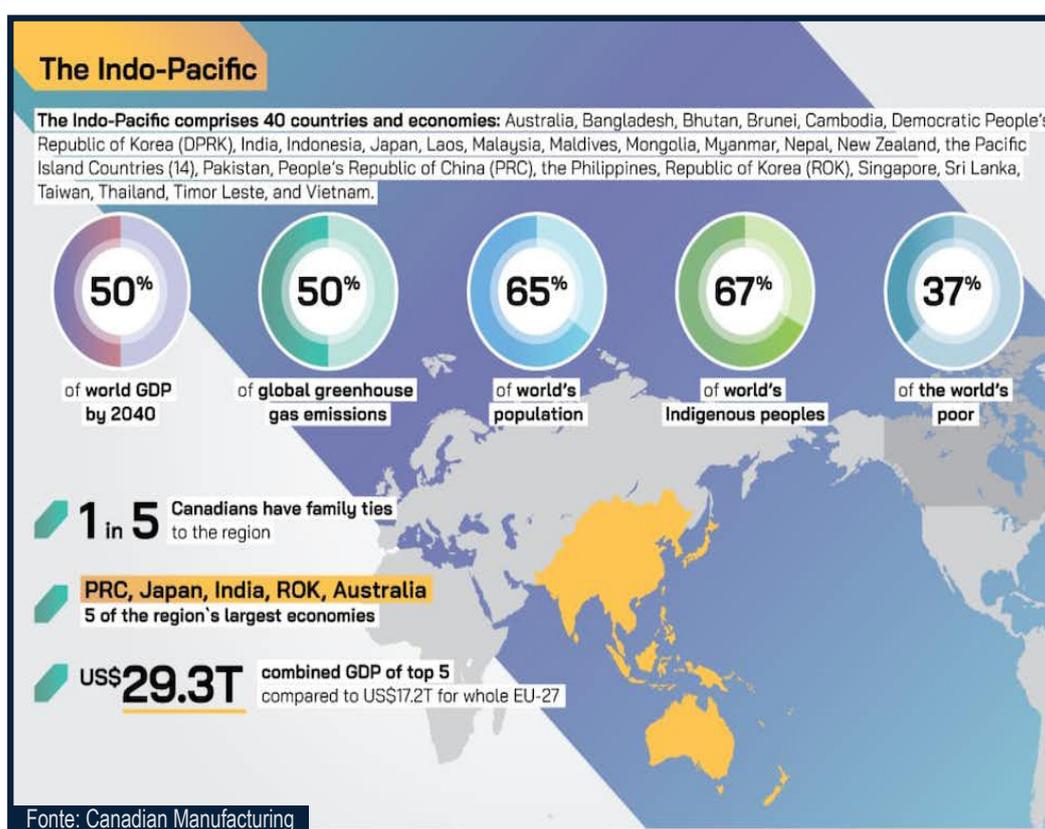
Após três anos de análise de cenários, o governo canadense divulgou, em 27 de novembro de 2022, sua Estratégia para a região do Indo-Pacífico. O Canadá detalhou investimentos de quase US\$ 2,3 bilhões para o próximo quinquênio em cinco eixos, sendo eles: 1) a promoção da paz, da resiliência e da segurança; 2) a expansão do comércio, do investimento e da resiliência da cadeia de suprimentos; 3) investimento e conexão de pessoas; 4) a construção de um futuro sustentável e verde e; 5) o Canadá como um parceiro ativo e engajado no Indo-Pacífico. Por ser uma região de disputa geopolítica entre os Estados Unidos e a China, é importante observar os potenciais ganhos canadenses ao posicionar-se firmemente nessa área.

Em 2017, o Canadá lançou uma política de Defesa na qual afirmou que uma de suas prioridades era aumentar a atuação do país no Indo-Pacífico, recorrendo à diplomacia naval como um instrumento para estreitar as relações. Dentre outras justificativas, o país aponta que a região é fundamental para sua segurança e identidade nacional devido às diásporas ali originadas. O Indo-Pacífico abrange o segundo maior mercado regional de exportação canadense, além de ser origem de aproximadamente 60% dos estudantes estrangeiros no

país. Em 2018, uma de suas primeiras ações no âmbito da Segurança foi o exercício militar *Keen Sword*, organizado pelos Estados Unidos e Japão ([Boletim 83](#)).

O investimento no eixo de “promoção da paz, da resiliência e da segurança” é um destaque da Estratégia, pois contará com mais de US\$ 720,6 milhões para o desenvolvimento cibernético e aumento da presença militar canadense. Destaca-se o envio de uma embarcação permanentemente para a região. Atualmente, o Canadá possui um projeto de modernização de sua Marinha e construirá 15 novas embarcações de combate na superfície. O segundo destaque é o eixo “construir um futuro sustentável e verde”, com US\$ 913,3 milhões para apoiar a transição energética do Indo-Pacífico e se colocar como o principal exportador de tecnologia e conhecimento na área.

Ressalta-se que o Indo-Pacífico corresponde a 65% da população global e pode chegar a 2/3 de toda a classe média mundial no médio prazo. Assim, ao colocar-se como um parceiro estratégico econômico, tecnológico e de Defesa, o Canadá constrói uma relação de confiança com um grande mercado consumidor e de forte influência global, mantendo sua relevância no cenário internacional.



A quem interessa a instabilidade na República Democrática do Congo?

Nicole Chifunga

O Movimento 23 de Março (M23), formado em 2012 por insurgentes e desertores das Forças Armadas da República Democrática do Congo (FARDC) reagrupou-se em 2021. Desde então, pode-se observar uma intensa escalada dos conflitos entre a fronteira da República Democrática do Congo (RDC) e as províncias do leste do país, Ituri e os Kivu, Norte e Sul — abundantes em recursos minerais e que se tornaram também reduto de grupos armados. Para além do M23, a Cooperativa para o Desenvolvimento do Congo (CODECO), a Aliança das Forças Democráticas (ADF) e a Frente Democrática de Libertação de Ruanda (FDLR) estão fortemente presentes na região. Assim, questiona-se: quais atores internacionais podem estar interessados na instabilidade na RDC?

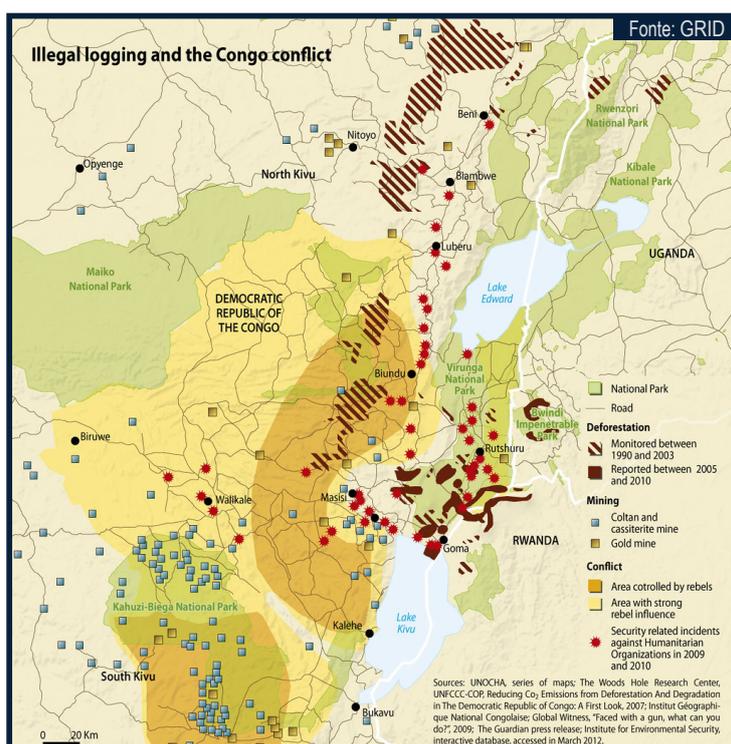
Devido à alta concentração dos chamados “minerais de conflito”, sobretudo no leste do país, a instabilidade na região pode apresentar ganhos e/ou perdas a diversos atores nacionais e internacionais. Abundante em ouro, cobalto e coltan — uma mistura de columbita e tantalita —, todos cruciais para indústrias de eletrônicos, esses minerais são controlados pela CODECO, M23 e FDRL, respectivamente.

Estima-se que 90% dos minerais extraídos na RDC sejam de minas artesanais, a maioria ilegais, sendo o país responsável por mais de 60% das exportações globais de coltan do mundo. Os recursos minerais extraídos

de forma ilícita, desrespeitando as normas ambientais, econômicas e trabalhistas, também são de interesse de Estados e empresas internacionais, visto que os minerais provenientes de minas legalizadas sob a gerência de Kinshasa possuem valores consideravelmente mais elevados no mercado internacional. Entretanto, apesar dos conflitos na região propiciarem a oferta de recursos minerais ilegais mais baratos, também dificultam o escoamento da produção, chamando atenção internacional para as condições geopolíticas e de mineração local.

Especialistas, assim como a RDC, acusam Kigali de apoiar a instabilidade na fronteira, financiando o M23, para consolidar sua influência e facilitar o tráfico de recursos naturais para o lado ruandês, que reexporta os minérios com altos lucros. O Estado fronteiriço da RDC figura entre os maiores produtores de coltan do mundo, mesmo sem minas confirmadas em seu território de 26 mil km<sup>2</sup>, suspeita que pode ser estendida a Burundi e Uganda.

A instabilidade pode parecer proveitosa para Ruanda quando sob controle, mas em caso de conflito, pode levar a uma crise de refugiados, dificuldade de escoamento, tráfico e desequilíbrio interno. Exemplos internacionais apontam os riscos de financiamento estatal para grupos extremistas, como a Al-Qaeda.



## O potencial do Golfo da Guiné à integração econômica africana

Luísa Barbosa Azevedo

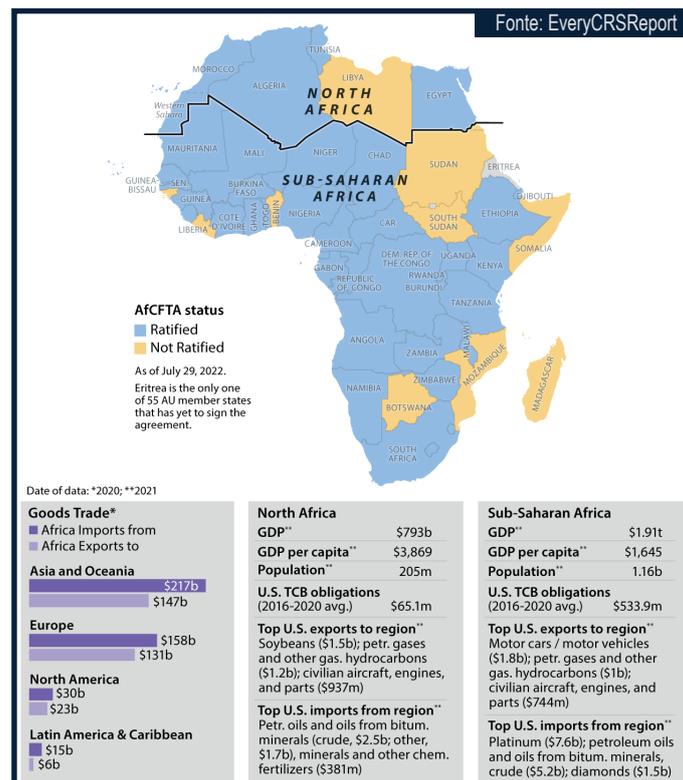
O ano de 2022 teve menores índices de pirataria marítima no mundo em quase três décadas, segundo o *International Maritime Bureau*. A organização destacou o progresso no Golfo da Guiné (GoG, sigla em inglês), com a diminuição de 35 incidentes em 2021, para 19 em 2022. A segurança marítima do GoG é essencial à atividade econômica dos 17 países abrangidos pelo espaço marítimo, de modo que seus 20 portos representam 25% do comércio marítimo do continente africano. A importância estratégica da região é reforçada pela iniciativa da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA, sigla em inglês), parte da Agenda 2063 da União Africana (UA), que visa aumentar o comércio intra-regional. Questiona-se, portanto, a potencialidade do comércio marítimo do GoG para a implementação da AfCFTA.

A AfCFTA começou a ser implementada em janeiro de 2021, visando reduzir e eliminar progressivamente as taxas de importação entre os países. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento estima que a sua implementação potencializará o comércio intra-regional em 33%, diminuindo em 51% o déficit comercial do continente. Entretanto, a iniciativa encontra desafios logísticos, aumentando em 75% o preço das mercadorias, conforme apontado pelo Banco de Desenvolvimento Africano. Nesse contexto, a demanda por diferentes modais de transporte exacerba o potencial

do comércio marítimo, em especial no GoG, para portos com capacidade de containers, como o Porto de Lekki ([Boletim 165](#)), na Nigéria, e o Porto de Abidjan, na Costa do Marfim.

Esse potencial é ameaçado pela recorrência de ilícitos marítimos na região, como a pirataria, o roubo armado de petróleo, além da pesca ilegal, não reportada e não regulamentada (INN). A cooperação entre atores regionais e extrarregionais tornou-se fundamental ao combate desses ilícitos através do aumento da presença marítima de atores regionais como Angola, Gana e Nigéria. Dessa maneira, os países do GoG atuam pelo compartilhamento de informações a partir da Arquitetura de Yaoundé. Cabe destacar a atenção à segurança marítima na região tanto a nível internacional, com a Resolução 2634 do Conselho de Segurança das Nações Unidas ([Boletim 165](#)); quanto regional, no Conselho de Paz e Segurança da UA.

O GoG mostra-se, então, um eixo central para a implementação e sucesso da AfCFTA. Entretanto, o potencial de seu comércio marítimo é ameaçado por ilícitos que afligem a região, antes considerada *hotspot* de pirataria marítima. Com a recente diminuição dos índices de pirataria, é necessária a continuidade do aumento de capacidades das Marinhas dos países do GoG a fim de assegurar a estabilidade da segurança e, conseqüentemente, a sustentabilidade do comércio marítimo.



## Um olhar sobre a estratégia de guerra da Marinha Francesa

Rafaella Caporazzo

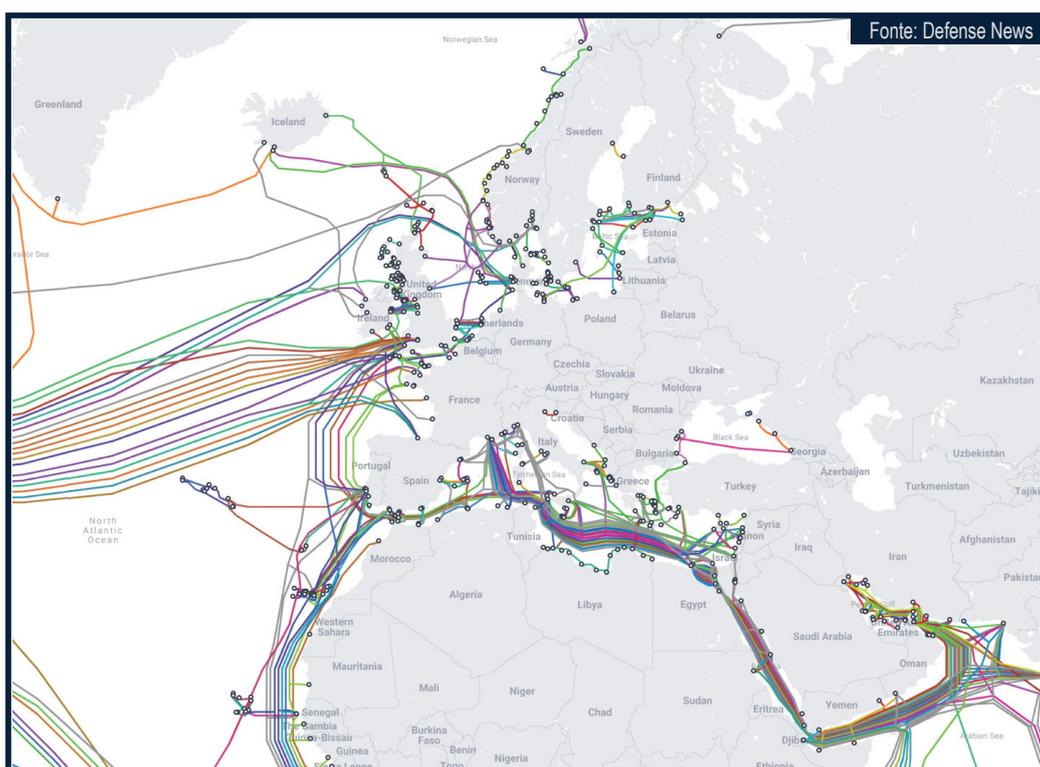
Após a explosão subaquática que atingiu os gasodutos *Nord Stream* em setembro de 2022, as nações europeias têm buscado proteger cada vez mais a vasta rede de dutos de energia e cabos de comunicação que revestem os fundos oceânicos. A França já havia se tornado o primeiro país a lançar uma estratégia de guerra no fundo do mar voltada para a Segurança Nacional em fevereiro de 2022. Porém, tendo a segunda maior zona costeira do mundo, avançou com novos investimentos depois do ataque. Isto posto, o que podem significar os avanços da Marinha Francesa para as demais nações europeias?

Apesar de outras nações terem publicado estratégias marítimas focando em capacidades civis, o que destacou o domínio francês foi o âmbito militar, principalmente em um cenário em que países como Rússia e China — adversários de grande parte da Europa Ocidental — buscam investir em mecanismos para conduzir operações no fundo do mar. De acordo com a estratégia francesa para este domínio, dos quase 450 cabos submarinos que transportam 99% das trocas de dados digitais intercontinentais, 51 chegam no território nacional francês e 24 nos territórios franceses ultramarinos. Até então, a França tinha apenas dois veículos operados remotamente capazes de atingir 1.000 metros de profundidade: o

*H1000 Ulisse* e o *H2000 Diomede*, mas, em 2022, frente às ameaças e as explosões no *Nord Stream*, o Ministério da Defesa anunciou novos investimentos até 2025.

A França, com o seu grande potencial marítimo, tem oportunidade de conquistar posições nesse domínio e servir como influência para a implantação de estratégias nacionais com componente militar para seus vizinhos. Em exemplo, destaca-se a proposta de programa italiano voltado à proteção crítica da infraestrutura do fundo do mar, prevista para o primeiro trimestre de 2023, que, caso aprovada, poderá se juntar aos projetos PESCO da União Europeia (UE) — conjunto de equipes multinacionais do governo e da indústria cujo trabalho serve como modelo para aprofundar a cooperação em Defesa entre as nações europeias.

Portanto, é importante observar os avanços do poder marítimo como instrumento de combate à medida que as nações se esforçam para ganhar vantagem de capacidade sobre os seus concorrentes. No caso da Marinha Francesa, tendo em vista a sua estratégia marítima e os novos investimentos militares do fundo do mar, essa poderá servir de influência às Marinhas europeias em meio à alta tecnologia e ao seu grande potencial geográfico, assumindo sucessivamente um papel estratégico mais relevante.



DOI 10.21544/2446-7014.n175.p09.

## A aliança entre Marrocos e Israel: um jogo de interesses

Vitória França

Em dezembro de 2020, a partir da mediação do governo de Donald Trump (2016-2020), Israel e Marrocos normalizaram suas relações por meio da assinatura dos Acordos de Abraão. A partir disso, ambos países assinaram mais de 30 acordos abrangendo setores desde segurança até a gestão de água e energia. Já no início de 2023, na primeira reunião do Comitê de Acompanhamento da Cooperação Marroquino-Israelense em Defesa, Rabat e Jerusalém acordaram em fortalecer ainda mais sua aproximação e cooperação militar, expandindo-a para inteligência e segurança cibernética. Assim, questiona-se: quais os interesses dos dois Estados no estreitamento das relações?

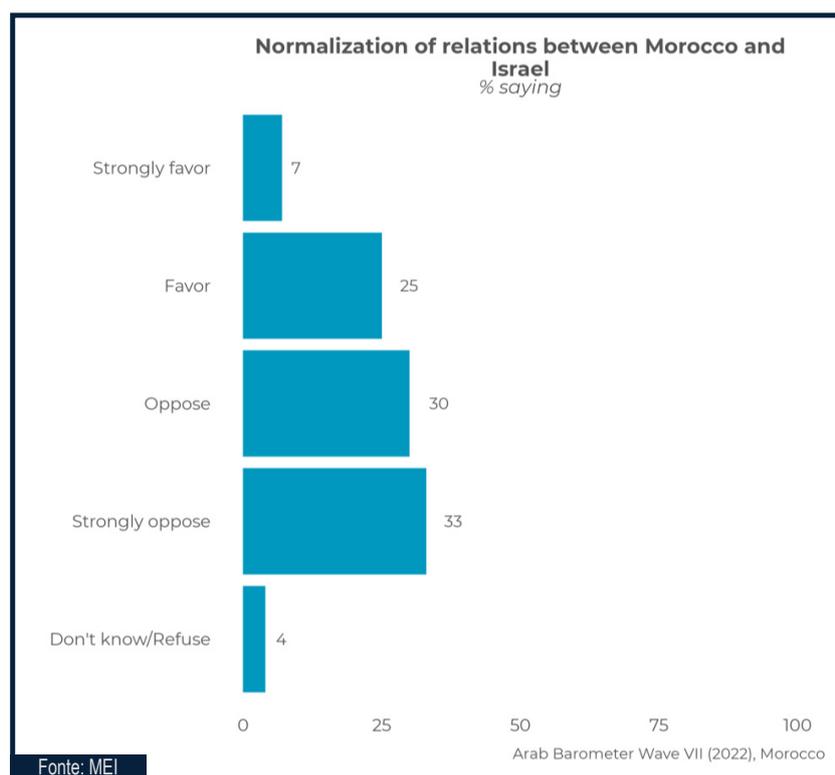
A cooperação militar entre Rabat e Jerusalém se aprofundou decisivamente em 2021, quando o Ministro da Defesa de Israel, Benny Gantz, e seu homólogo marroquino, Abdellatif Loudiyi, assinaram um Memorando de Entendimento dando início à cooperação em uma série de questões de segurança, incluindo a compra de armas de alta tecnologia e exercícios militares conjuntos.

A princípio, para o Marrocos, o aumento de vínculo com Israel lhe permitiu obter o reconhecimento, há muito esperado, dos Estados Unidos por suas reivindicações sobre o Saara Ocidental — região separatista que opõe Rabat, que controla 80% do território, aos separatistas

da Frente Polisário apoiados pela Argélia. Atualmente, a relação pode ser considerada estrategicamente ampla: a tecnologia israelense — principalmente seus veículos aéreos — permite que o país avance, podendo mudar o equilíbrio militar com a Argélia, especialmente em um momento em que as tensões diplomáticas entre os antigos inimigos estão em seu pior nível em anos. Além disso, o estreitamento da cooperação militar fornece ao Marrocos acesso aberto à segurança de Israel e uma participação nas discussões regionais sobre a dinâmica de segurança.

Quanto a Israel, uma maior paz direta com Marrocos aumenta sua aceitação entre os Estados árabes e a integração que tanto busca com o mundo árabe. Além disso, essa relação fornece uma presença particular e uma influência potencial no norte da África, arena que tem estado distante de Israel.

Dessa forma, pode-se concluir que Marrocos e Israel têm objetivos claros para o relacionamento e ambos estão explorando as possibilidades abertas pelos Acordos de Abraão. A participação do Marrocos evoluiu de um foco inicial em garantir o reconhecimento estadunidense do Saara Ocidental para um crescente relacionamento bilateral cooperativo com Israel. Já para Jerusalém, o apoio marroquino cria uma possível manobra de aproximação entre Israel e os Estados árabes locais.



## Novas metas da Agenda Verde Europeia: o Azerbaijão e as energias renováveis

Luiza G. Guitarrari

O conflito russo-ucraniano deflagrou uma das maiores crises energéticas do século XXI. Nesse ínterim, emerge a Agenda Global de Energia Verde e a corrida pela diversificação de recursos energéticos. Ao longo de 2022, os principais mercados de energia buscaram estabelecer novos acordos comerciais, como entre Azerbaijão e União Europeia (UE). Embora os hidrocarbonetos representem 98% da matriz energética azeri, o ex-país soviético tem se destacado no segmento renovável. Assim, como Baku pode contribuir para a prossecução da Agenda Verde Europeia nos próximos anos?

Criado em 2019, o *Green New Deal* da UE pretende reduzir até 2030 cerca de 55% das emissões de gases do efeito estufa. Para efetividade dessa política energética, é necessário que o bloco europeu implemente projetos ligados à infraestrutura e transporte de energia de baixo carbono. O Azerbaijão tem se mostrado um parceiro confiável ao contribuir para diversificação de fornecedores e rotas da UE, a exemplo do *Southern Gas Corridor* ([Boletim 131](#) e [157](#)), e, mais importante, por sua crescente produção de energia renovável. Focando em energia eólica e solar, o país acumula 27 GW no segmento *onshore* e 157 GW no *offshore*, que poderão ser comercializados no âmbito do Memorando de Entendimento UE-Azerbaijão para parceria estratégica no setor energético.

Face à crescente relevância energética azeri, em 17 de dezembro de 2022, o Presidente Ilham Aliyev juntamente com suas contrapartes da Geórgia, Hungria e Romênia assinaram o Acordo de Parceria Estratégica em Energia Verde. Apresentado durante a Plenária de Bucareste, o acordo estipulou a criação do primeiro cabo elétrico submarino no Mar Negro com capacidade para transportar 1 GW de energia elétrica a partir de 2029. A infraestrutura, avaliada em US\$ 2,1 bilhões, conectará parques de energia eólica e solar do Azerbaijão e da Geórgia aos países do Sudeste Europeu, com 1.195 km de extensão. O projeto está igualmente circunscrito à estratégia europeia *Global Gateway*. O programa estimula a criação de complexos de infraestrutura nos setores digital, energético e de transporte no período que compreende 2021-2027, freando, assim, a iniciativa chinesa *Belt and Road* no espaço euro-atlântico.

Em suma, o acordo quadripartite pretende integrar o mercado de eletricidade da UE ao mesmo tempo que contribui para seu planejamento de médio prazo ao distanciar-se do mercado de energia russo e reduzir sua dependência por combustíveis fósseis. Para o Azerbaijão, os próximos anos significam uma crescente relevância no mercado global de energia, ao figurar não apenas enquanto exportador de gás, mas igualmente de energia verde.



DOI 10.21544/2446-7014.n175.p11.

## Mar Negro: a dimensão (quase) esquecida do conflito russo-ucraniano

Pedro Martins

Desde que as hostilidades entre Rússia e Ucrânia começaram no dia 24 de fevereiro de 2022, a cobertura midiática internacional se concentrou majoritariamente no aspecto terrestre do conflito. A superioridade naval russa pode ser um dos aspectos que justifique este fato, justamente pela ausência de grandes embates a se retratar como em outras frentes. No entanto, o presente artigo tem como objetivo demonstrar que esse elemento do conflito não foi resolvido definitivamente para nenhum dos dois lados.

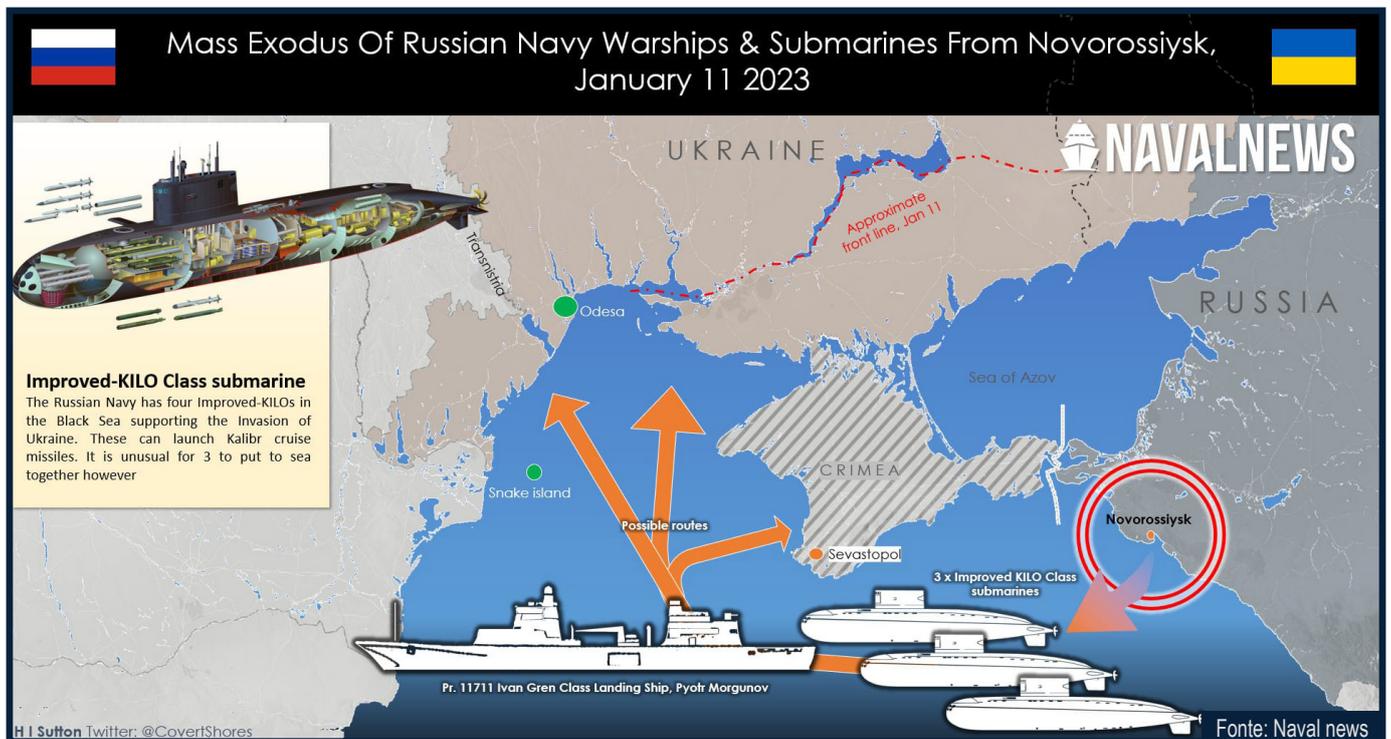
O início do confronto deixou evidentes as diferenças entre capacidades de ambos os países. Segundo o *Military Balance* (2022), a Marinha russa conta com 150 mil militares, 49 submarinos, 32 navios de superfície e 129 navios de patrulha costeira. Por sua vez, a Ucrânia conta com um efetivo de 15 mil militares, um navio de superfície e 12 navios de patrulha costeira.

No dia 11 de janeiro de 2023, houve um súbito aumento no número de navios russos no Mar Negro com a saída do navio de desembarque anfíbio *Pyotr Morgunov* e três submarinos da classe *Kilo* da base naval de Novorossiysk. As possíveis explicações para essa movimentação variam desde um simples treinamento

para avaliação da prontidão das forças, até mesmo preparação para uma operação militar ou para um desembarque anfíbio na cidade costeira de Odessa. A última hipótese é a que teria maior importância militar — Odessa é a sede da esquadra da Marinha ucraniana — e porto estratégico — a cidade é uma das maiores da Ucrânia. De todo modo, fica claro que a Rússia ainda não considera essa frente do conflito concluída.

Por seu turno, as forças de Kiev tentam responder a esse suposto domínio russo no Mar Negro por meio de uma guerra assimétrica com uso de *drones* — com dois ataques a Sebastopol no dia 16 de janeiro — e mísseis, sendo um exemplo o que afundou o navio *Moskva*, o mais importante da Esquadra russa do Mar Negro.

Nesse sentido, não é possível considerar que a dimensão naval do conflito russo-ucraniano esteja resolvida definitivamente. Mesmo com a suposta superioridade naval russa, as forças ucranianas têm reagido. Por sua vez, as recentes movimentações das forças russas no Mar Negro não descartam a possibilidade de que elas sejam usadas para conduzir operações em Odessa, sinalizando que ainda existe um risco de uma invasão por mar.



DOI 10.21544/2446-7014.n175.p12.

## A remilitarização japonesa ou o realismo pragmático de Kishida?

Thomas Dias Placido

Como estopim de um processo de longo prazo para implementar as mudanças necessárias para que o Japão assuma maior responsabilidade por sua Defesa, o Executivo tomou uma decisão inédita e aprovou, ao final do ano de 2022, a revisão de três documentos basilares para sua segurança nacional. A atualização da Estratégia de Segurança Nacional (NSS, na sigla em inglês), da Estratégia de Defesa e do Plano de Desenvolvimento da Força de Defesa marca o maior robustecimento militar japonês do pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e inclui a aquisição de capacidades ofensivas, com aumento definitivo dos gastos militares para 2% do PIB até 2027. Dado o vulto das alterações e a possível quebra do pacifismo japonês, o presente artigo visa analisar seus desdobramentos para o que ficou conhecido como a nova “Arquitetura de Defesa Abrangente do Japão”.

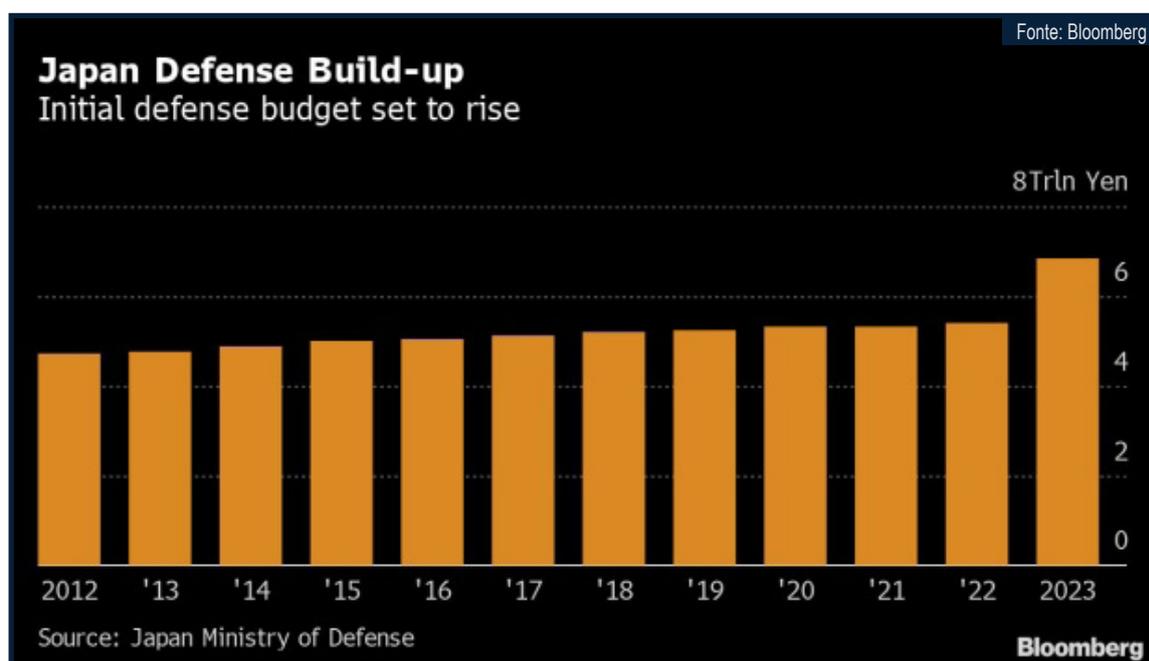
Além do fomento às alianças regionais e extrarregionais, o governo pretende investir um montante equivalente a US\$ 315 bilhões em Defesa até 2027, incluindo no somatório o orçamento da Guarda Costeira, mísseis balísticos com maior alcance e despesas em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Destaca-se a importância destinada à interoperabilidade dos ativos japoneses, com a criação de um Quartel-General Conjunto abrangendo as três Forças de Autodefesa.

As metas anunciadas no dia 16 de dezembro de 2022 são o auge de um processo minucioso para lidar

com ameaças securitárias no Leste Asiático, como testes de mísseis norte-coreanos, disputas com a Rússia e a assertividade chinesa – citada nos documentos como “o maior desafio estratégico” que o Japão atualmente enfrenta –, articulando novas formas de gerenciá-las; trata-se de uma abordagem da *realpolitik* prescrita pelo Premiê Kishida Fumio que põe em marcha transformações na postura defensiva japonesa. Entende-se que as modificações acompanham a reforma de uma trajetória pré-estabelecida, à exemplo da proposta orçamentária de 2023, que teve aumento, pelo nono ano consecutivo, de 26% no orçamento de Defesa Nacional (1,19% do PIB).

Portanto, se a revisão dos textos representa algum tipo de “ponto de inflexão”, talvez seja menos sobre a identidade ou identificação internacional do Japão como “pacifista”: o compromisso com a paz tornou-se uma pedra angular da identidade japonesa atual e moldou sua diplomacia e política defensiva, com sucessivos governos declarando apoio ao “pacifismo proativo”.

Entretanto, as transformações realmente importantes aparecerão na reforma das instituições e na mudança de atitudes sociais relacionadas à segurança, necessárias para trazer luz à “arquitetura de defesa abrangente reforçada” descrita na NSS, e, assim, ganhar a compreensão pública-institucional sobre a necessidade dessas alterações.



## Geopolítica da água e segurança hídrica: a disputa sino-indiana

Rebeca Leite

Em 20 de janeiro de 2023, imagens de satélites confirmaram rumores que há um ano pairam na mídia internacional: a China está construindo uma nova barragem no afluente do Rio Ganges, localizado na tríplice fronteira entre Índia, Nepal e Tibete. As atividades em desenvolvimento foram observadas na porção norte do rio Mabja Zangbo, no Tibete. Diante da relevância da água como um recurso que ameaça a segurança internacional, cabe destacar algumas questões geopolíticas a partir disso.

A disputa pelo controle da água é um desafio geopolítico e socioeconômico, e, uma vez que a água é finita e insubstituível, a preocupação quanto ao seu uso e à sua distribuição aumentam à medida que as reservas diminuem; ou que estejam sob controle de outrem. No contexto da relação entre a Índia e a China, pode-se notar que a água se tornou uma arma estratégica.

Recentemente, o Ministério dos Recursos Hídricos da China declarou que o país investiu cerca de US\$ 148 bilhões na gestão de recursos hídricos em 2022, um aumento de aproximadamente 44% em relação ao ano anterior. Além do novo empreendimento no Rio Ganges, a China já possui cinco represas ao longo do Rio

Indo e seus afluentes, bem como hidrelétricas e outras barragens ao longo do Rio Brahmaputra. Isto se torna possível devido à sua gerência sobre o Tibete, de onde se originam 18 rios que abastecem o continente.

A Índia, como um Estado ribeirinho, fronteiriço e geograficamente à jusante em relação à China, é também um Estado significativamente ameaçado. A população indiana tende a ultrapassar a chinesa ainda em 2023, alcançando a marca de 1,4 bilhão de habitantes. Para garantir a segurança hídrica e todos os outros aspectos que dependem do abastecimento de água, a Índia precisará responder a todas as iniciativas que ameaçam o seu crescimento, sua economia agrícola e o seu setor industrial.

Argumenta-se que a água é uma arma geopolítica, de modo que a localização geográfica pode facilitar ou dificultar o controle e o acesso deste recurso, cujo objetivo político primordial é exercer poder no que tange ao fluxo de água, possuindo o que se chama de “hidro-hegemonia”. Uma vez que os rios que desembocam na Índia advêm do Tibete, governado pela China, sua segurança hídrica depende do governo chinês, o que se torna uma potencial razão para conflitos.



## O novo plano de exploração de gás *offshore* indonésio em meio às disputas territoriais

Guilherme Carneiro

O governo indonésio iniciou 2023 com a notícia de que aprovou a primeira fase do seu novo plano de desenvolvimento de uma área para exploração de gás natural *offshore*. O local escolhido para as atividades de exploração energética se encontra próximo às Ilhas Natuna – conjunto de ilhas localizadas no Mar do Sul da China – palco de diversos conflitos territoriais com o país do leste asiático. Dessa forma, esse texto busca elucidar como projetos dessa magnitude são importantes para a soberania dos países do Sudeste Asiático banhados pelo Mar do Sul da China.

O anúncio da aprovação do projeto foi realizado no início do mês de janeiro pela empresa estatal e reguladora de gás natural e petróleo *upstream*, *SKK Migas*. Segundo a companhia, serão necessários em torno de US\$ 3,07 bilhões para a preparação e exploração do depósito geológico de gás natural na região. Entretanto, é previsto que o campo produza em torno de 115 milhões de m<sup>3</sup> diários de gás natural até o ano de 2027, garantindo mais estabilidade para as grandes reservas de hidrocarbonetos da Indonésia, tanto para uso doméstico quanto para se manter como um dos maiores exportadores do recurso na região da Ásia-Pacífico.

A exploração de recursos naturais levanta questões

em relação às disputas marítimas e as reivindicações entre China e Indonésia, assim como Filipinas, Malásia e Vietnã. Apesar do campo de exploração de gás natural estar localizado dentro da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) da Indonésia – o que garante ao país o direito de explorar os recursos – a República Popular da China continua reivindicando a maior parte do mar ao sul do seu território, o que abrange diversos espaços dentro das ZEE de seus vizinhos, e impede que muitos projetos tenham continuidade. Grandes exemplos desses conflitos foram as tentativas da Indonésia de exploração de gás no arquipélago de Raiu e suas atividades pesqueiras que foram interrompidas pela Guarda Costeira Chinesa ao longo de 2021.

Dessa forma, o anúncio de Jacarta de seguir com o projeto de desenvolvimento sobre um campo de exploração de gás natural ao redor da Ilhas Natuna pode incitar uma reação coerciva de Pequim, gerando mais tensões no Mar do Sul da China. Porém a continuidade de projetos de extração de recursos naturais e demais atividades, como a pesca, se fazem essenciais não só para alimentar o setor econômico, mas também para a manutenção da soberania nacional.



Movimentações na América Latina em direção à Antártica no ano de 2022

Gabriele Hernandez

Graças à proximidade geográfica e ao histórico de participação na Antártica, a América Latina encontra espaço para se projetar no continente austral, negociar interesses e traçar estratégias a longo prazo a fim de explorar seu potencial político. Após quase dois anos de pandemia, em 2022, as atividades antárticas voltaram a funcionar regularmente, e os investimentos e movimentações políticas para a década de 2020 se delinearão mais claramente.

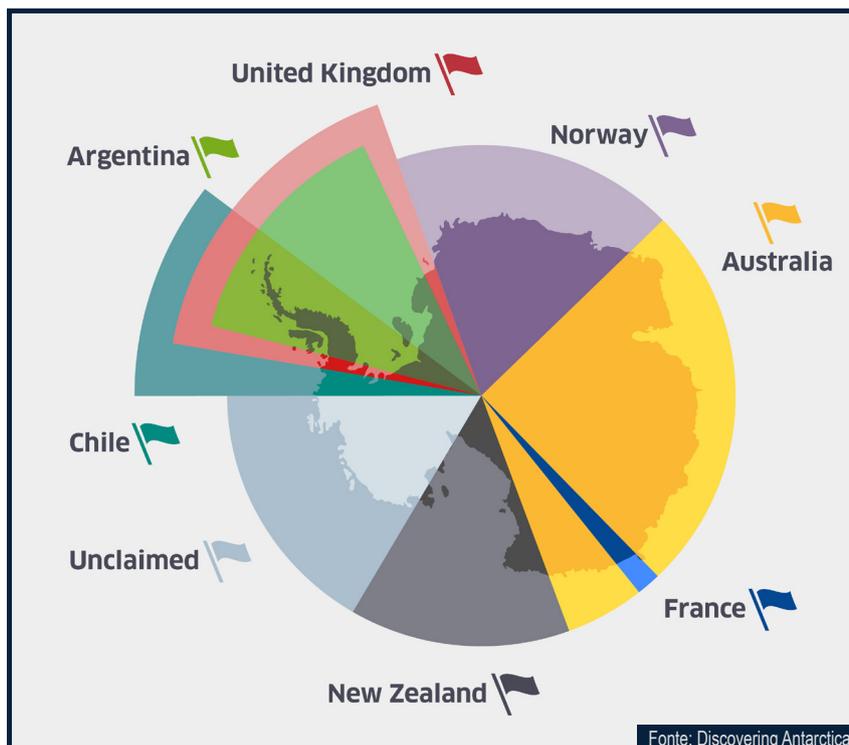
Em 11 de agosto de 2022, a Costa Rica se tornou o 55º membro do Tratado da Antártica (1959), aderindo com *status* de membro não-consultivo. Tal iniciativa partiu do setor de política externa, que solicitou uma cópia em espanhol do tratado em 2017 e discutiu internamente a possibilidade de adesão e envio de pesquisadores para a Antártica. Uma possibilidade para garantir status de membro-consultivo, com poder de veto, é fazer parcerias e dividir custos com outros signatários, eventualidade já considerada em estudos internos.

Cerca de dois meses depois, em 19 de outubro, o Equador aderiu à Comissão para Conservação dos Recursos Vivos Marinhos Antárticos, órgão fundamental para a exploração da pesca na região. A presença do Equador na Antártica é anterior ao Tratado, quando em 1956 o país reivindicou uma porção do continente com

base na Teoria da Defrontação, porém não obteve sucesso com o pedido, aderindo ao Tratado em 1987 e construindo sua própria estação em 1990.

O local de maior intensidade em atividades antárticas ainda se passa na disputa tripartite entre Argentina, Chile e Reino Unido, no extremo sul do continente. Os dois vizinhos latinos anunciaram a reforma de seus *hubs* antárticos, frente à criação de um porto britânico nas Ilhas Malvinas. Investimentos chineses em sua Rota da Seda Polar encontraram nesta rivalidade e nas lacunas de investimentos em infraestrutura uma maneira de negociar construção de *hubs* que facilitem seu acesso às estações antárticas mais próximas da América do Sul e futuro escoamento de produtos pelos polos e regiões próximas.

A empreitada, no entanto, ainda se limita aos termos pacíficos do tratado e interesses comerciais em áreas próximas, e não significa um domínio chinês sobre a Antártica a partir da região, graças à grande dependência logística de países que têm interesses significativos ali. A China já dispõe de investimentos na América Central, e pode ser candidata a investir em programas infantis como o da Costa Rica. A América Latina pode se beneficiar de sua proximidade e programas avançados para negociar maior projeção antártica.



- ▶ [2023 Annual Forecast](#)  
WORLDVIEW
- ▶ [10 Conflicts to Watch in 2023](#)  
INTERNATIONAL CRISIS GROUP, Comfort Ero e Richard Atwood
- ▶ [The Top 5 Foreign-Policy Trends We'll Be Watching in 2023](#)  
FOREIGN POLICY, Robbie Gramer
- ▶ [What in the World Will Happen in 2023?](#)  
PROJECT SYNDICATE, Richard Haass
- ▶ [All Is Not Quiet on the Eastern Front](#)  
BLOOMBERG, Niall Ferguson
- ▶ [EURASIA GROUP'S TOP RISKS FOR 2023](#)  
EURASIAGROUP, Ian Bremmer e Cliff Kupchan

Por: CMG Rm1 Leonardo Mattos

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

### JANEIRO

Principais eventos de 25 a 31 de janeiro

**25**



**SENEGAL**

2ª REUNIÃO  
INTERNACIONAL SOBRE  
A PRODUÇÃO DE  
ALIMENTOS NA ÁFRICA

**25**



**URUGUAI**

ENCONTRO ENTRE  
PRESIDENTES DO  
BRASIL E DO URUGUAI

**27-29**



**BANGLADESH**

INDO-BANGLADESH  
AGRI MECHANIZATION  
SUMMIT

**31-01**



**EUA**

REUNIÃO DO FEDERAL  
RESERVE

### FEVEREIRO

Principais eventos de 01 a 08 de fevereiro

**03**



**UCRÂNIA**

CÚPULA DE LIDERES  
DA UCRÂNIA E DA  
UNIÃO EUROPEIA

**05**



**EQUADOR**

PLEBISCITO SOBRE  
JUSTIÇA, SEGURANÇA  
E MEIO AMBIENTE

**06-08**



**ÍNDIA**

INDIA ENERGY  
WEEK 2023

**07-08**



**GRÉCIA**

FÓRUM MARÍTIMO  
HELLENIC

## REFERÊNCIAS

- **Crise sem fim: as manifestações e a instabilidade do governo peruano**  
BANDA, Gonzalo. [At Peru Protests' Epicenter, Rage - And a Sense of Betrayal](#). *Americas Quarterly*, 12 jan. 2023. Acesso em: 20 jan. 2023.  
DUCHIADE, André. [Mesmo padrão de violência política dos anos 1980 se repete no Peru agora, afirma historiadora](#). *O Globo*, 20 jan. 2023. Acesso em: 20 jan. 2023.
- **O Posicionamento Canadense na região Indo-Pacífica**  
[Canadá lança estratégia para Indo-Pacífico, área de disputa entre China e EUA](#). *Folha de São Paulo*, 27 nov. 2022. Acesso em: 18 jan. 2023.  
CANADA. [Canada launches Indo-Pacific Strategy to support long-term growth, prosperity, and security for Canadians](#). *Global Affairs Canada*, 27 nov. 2022. Acesso em: 18 jan. 2023.
- **A quem interessa a instabilidade na República Democrática do Congo?**  
[União Europeia insta Ruanda a parar de apoiar rebeldes M23 na República Democrática do Congo](#). *VOA News*, 31 dez. 2022. Acesso em: 16 jan. 2023.  
OJEWALE, Oluwole. [Mining and illicit trading of coltan in the Democratic Republic of Congo](#). *ENACT Regional Organised Crime Observatory*, 2022. Acesso em: 16 jan. 2023.
- **O potencial do Golfo da Guiné à integração econômica africana**  
ADEKOYA, Femi. [AfCFTA: Two years into Africa 's regional integration](#). *The Guardian Nigeria, Industry*, 11 jan. 2023. Acesso em: 16 jan. 2023.  
*SECURITY Council*. [Piracy, Armed Robbery Declining in Gulf of Guinea, But Enhanced National, Regional Efforts Needed for Stable Maritime Security](#). *Top Official Tells Security Council*. 9198TH MEETING, 22 nov. 2022.
- **Um olhar sobre a estratégia de guerra da Marinha Francesa**  
[Europeans wade into fighting seabed threats with drones and sensors](#). *Defense News*, 09 jan. 2023. Acesso em: 19 jan. 2023.  
BACHELIER, Jérémy; TENENBAUM, Elie. [Naval Combat Redux: A Renewed Challenge for Western Navies](#). *IFRI*, 09 jan. 2023. Acesso em: 19 jan. 2023
- **A aliança entre Marrocos e Israel: um jogo de interesses**  
[Morocco, Israel agree to expand military cooperation](#). *Africa News*, 18 jan. 2023. Acesso em: 18 jan. 2023.  
[The Israel-Morocco peace deal is roiling Western Sahara](#). *The Economist*, 16 dez. 2020. Acesso em: 15 jan. 2023.
- **Novas metas da Agenda Verde Europeia: o Azerbaijão e as energias renováveis**  
PETKOVA, Mirela. [A Submarine electricity cable is coming under the black sea](#). *Energy Monitor*, 27 dez. 2022. Acesso em: 20 jan. 2023.  
[A European Green Deal](#). *European Commission*. Acesso em: 20 jan. 2023.
- **Mar Negro: a dimensão (quase) esquecida do conflito russo-ucraniano**  
SUTTON, H I. [Sudden Surge In Russian Navy Ships And Submarines In Black Sea](#). *Naval News*, 11 jan. 2023. Acesso em: 21 jan. 2023.  
[Black Sea port repels two Ukrainian drone attacks within 24 hours – official](#). *RT*, 16 jan. 2023. Acesso em: 21 jan. 2023.
- **A remilitarização japonesa ou o realismo pragmático de Kishida?**  
ASHLEY, Ryan. [Japan 's New National Security Strategy Is Making Waves](#). *Foreign Policy Research Institute*, 05 de jan. de 2023. Acesso em: 06 jan. 2023.  
SEPRÉNYI, Gábor. [Pacifist Japan Rearms](#). *Hungarian Conservative*, 06 de jan. de 2023. Acesso em: 07 jan. 2023.
- **Geopolítica da água e segurança hídrica: a disputa sino-indiana**  
COLIBASANU, Antonia. [Don't Forget About Water in 2023](#). *Geopolitical Futures*, 18 jan. 2023. Acesso em: 20 jan. 2023.  
BREMNER, Ian. KUPCHAN, Cliff. [Top Risks 2023](#). *Eurasia Group*, Nova Iorque, 2023.
- **O novo plano de exploração de gás offshore indonésio em meio às disputas territoriais**  
STRANGIO, S. [Indonesia Approves First Phase of Key Offshore Gas Development](#). *The Diplomat*, 03 jan. 2023. Acesso em: 15 jan. 2023.  
EMONT, J. [Indonesia Risks Confrontation With China Over Gas Project in South China Sea](#). *The Wall Street Journal*, 11 jan. 2023. Acesso em: 15 jan. 2023.
- **Movimentações na América Latina em direção à Antártica no ano de 2022**  
ANDRADE, Hernán Moreano. [Localización de la estación científica ecuatoriana](#). *Armada del Ecuador*, 2019. Acesso em: 21 de jan. 2023.  
*CCAMLR*. [New Member – Ecuador](#). Acesso em: 21 de jan. 2023.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio

risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Luísa Barbosa

### ► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Crise estrutural: [Afeganistão. Colapso do sistema judicial é catástrofe de direitos humanos. MundoaoMinuto](#), 20 jan. 2022. Acesso em: 23 jan. 2022.
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Azerbaijan must end the blockade of the Lachin corridor: European Parliament adopts resolution on Nagorno Karabakh. Republic Radio of Armenia](#), 19 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- BELARUS - Tensão regional: [Foreign ministers of Russia, Belarus: OSCE is rapidly degrading. Belarusian Telegraph Agency](#), 19 jan. 2023. Acesso: 23 jan. 2023.
- BURKINA FASO - Instabilidade sociopolítica: [Burkina Faso exige saída de tropas francesas daqui a um mês. DW](#), 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade política: [Senators’ departure leaves Haiti without an elected government. The Washington Post](#), 21 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- IÊMEN - Crise humanitária: [Yemen Humanitarian Update. Reliefweb](#), 18 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanon to take \\$116 million in loans to solve electricity crisis. Anadolu Agency](#), 18 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- MALI - Conflitos internos e tensões regionais: [Burkina Faso : imbroglio autour du départ des troupes françaises. L’Express](#), 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar opposition attacks military's population survey. AP News](#), 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- PERU - Crise sociopolítica: [La Policía reprimió y detuvo a unos 200 manifestantes en la Universidad de San Marcos. Nodal](#), 22 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Russia-Ukraine war at a glance: what we know on day 334 of the invasion. The Guardian](#). 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- SÍRIA - Insegurança regional: [Syria, Lebanon and Jordan Emergency Appeal 2023. ReliefWeb](#), 19 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [At least five killed in bomb, gun attack in Somalia’s Mogadishu. Al Jazeera](#), 22 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.

► MÉDIO RISCO:

- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes e acordo de paz: [Eritrean troops seen leaving Ethiopia's Tigray - reports](#). **AfricaNews**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [Bathily urges more support for Libya](#). **The Libya Observer**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: President Declares Peace As Main Task of His Governance](#). **AllAfrica**, 17 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Conflitos internos: [Relations entre la RDC et le Rwanda: une réunion à Doha annulée](#). **RFI**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- SRI LANKA - Crise estrutural: [India Facilitates IMF Bailout for Crisis Stricken Sri Lanka](#). **VOA News**, 20 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuela releases ex-interior minister from prison; he will go to Spain](#). **Reuters**, 21 jan. 2023. Acesso em: 23 dez. 2023.

► EM MONITORAMENTO:

- BRASIL - Tensões internas: [Moraes abre três novos inquéritos para apurar atos antidemocráticos no DF](#). **GZH**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- CHINA-ÍNDIA - Tensões na LAC: [The Clash at Tawang: Tensions Rise on the China-India Border](#). **The Jamestown Foundation**, 19 jan. 2023. Acesso em 23 jan. 2023
- COLÔMBIA/PANAMÁ - Crise Migratória: [Panamá advierte que la migración por el Tapón del Darién seguirá en aumento](#). **La Estrella de Panamá**, 22 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- COREIA DO NORTE - Teste de mísseis: [North Korea Missile Tests Spill into 2023](#). **Geopolitical Monitor**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Hacienda sin autorizar fondos para elecciones de 2024](#). **Elsalvador.com**, 22 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Asesinan a candidato a alcalde en Ecuador](#). **Telesur**, 22 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- EUROPA - Tensões com a Rússia e crise energética: [Fears of recession in Europe subside as gas prices provide respite from energy crisis](#). **El País**, 19 jan. 2023. Acesso: 23 jan. 2023.
- GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Exercise Obangame Express 2023 kicks off in Lagos, Nigeria](#). **U.S. Naval Forces Europe-Africa**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- IRÃ - Instabilidade sociopolítica: [EU rolls out new Iran sanctions but does not designate IRGC](#). **AI Monitor**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- ISRAEL - Instabilidade política e regional: [Protests in Israel as Supreme Court tells Netanyahu to fire minister](#). **AI Monitor**, 18 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [China's navy stages combat exercise in South China Sea](#). **RFA**, 19 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- NICARÁGUA - Crise política: [Más de 217 mil nicaragüenses abandonaron el país en 2022](#). **La Prensa**, 22 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- NIGÉRIA - Conflitos internos: [Nigeria's 2023 presidential election: 10 factors that could affect the outcome](#). **The Conversation**, 22 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.

- PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Pakistan politics on edgy pitch with fresh Imran Khan offensive, Speaker action](#). **CNBC**, 18 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [A Critical Window to Bolster Sudan's Next Government](#). **Crisis Group**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.
- TAIWAN - Embate China-EUA: [What the US Gets Wrong About Taiwan and Deterrence](#). **The Diplomat**, 23 jan. 2023. Acesso em: 23 jan. 2023.